

OFICINAS DE LITERATURA INFANTIL: MODOS DE ESCUTAR DOR

Coordenador: SANDRA DJAMBOLAKDJIAN TOROSSIAN

O projeto de extensão e de pesquisa universitária Oficinas de Literatura Infantil: intervenção em situações de vulnerabilidade surge em meio a problematizações sobre a infância dita em situação de vulnerabilidade social e sobre o trabalho da psicologia nesse contexto. É a partir da construção de um espaço lúdico de narração de contos infantis que buscamos desenvolver um dispositivo clínico para a escuta do sofrimento produzido num contexto de exclusão social. Entendemos a vulnerabilidade social não apenas em relação ao aspecto socioeconômico, sendo caracterizada pela pobreza, miséria e escassez de recursos, mas como um conceito que prioriza a análise do acesso da população a serviços de políticas públicas e de cidadania, olhando principalmente para a potencialidade da população em lidar com os recursos existentes (Torossian & Rivero, 2009). Porém, muitas vezes, observa-se um discurso difundido que associa a condição de miséria a uma carência de potenciais, de possibilidade de vida e de futuro, produzindo efeitos de subjetivação dessa população. A partir da emergência da literatura infantil e da presença de um espaço lúdico que conduza o diálogo entre um sofrido cotidiano e um texto inesperado, nosso objetivo é transpor os limites das histórias pessoais na busca por novas significações a partir das descobertas de outras narrativas. Assim, apostamos que esse trabalho contribua para a narração de outras infâncias, infâncias não centradas na vulnerabilização social. Além disso, procura-se pensar como o trabalho com essas crianças afeta os encontros e desencontros dos profissionais da área, buscando possibilitar novos sentidos e significações sobre a vulnerabilidade social, os quais, enquanto formações discursivas, frequentemente paralisam as apostas no trabalho com as crianças. Habitando um espaço entre a extensão e a pesquisa universitária, o presente projeto busca produzir sentidos numa dimensão de compartilhamento da experiência que afeta as diferentes esferas envolvidas no trabalho. Enquanto projeto de pesquisa, entendemos que a autoria não se dá somente para aqueles que pesquisam, que observam, que intervêm, mas também para os sujeitos pesquisados, de forma que estes também possam conhecer, criar e subjetivar (Maraschin, 2004). Enquanto extensão, o projeto não se limita a produzir efeitos somente na comunidade a que se destina, mas a todos que estão de alguma forma envolvidos com essa prática, extrapolando o público alvo para afetar também os extensionistas. Da mesma forma, o projeto se propõe a promover na graduação a formação de profissionais comprometidos com o trabalho psicológico no campo das políticas

públicas. As oficinas vêm sendo desenvolvidas em parceria com serviços da política de assistência social em Porto Alegre, em espaços variados de atenção a crianças, como serviços educativos não-escolares e grupos de familiares, e em intervenções diretas na comunidade. No período de cerca de uma hora, semanal ou quinzenalmente, desenvolve-se um momento de narração de uma história e outro de atividade lúdica, tal como produção de desenhos e pinturas, performances teatrais, brincadeiras, etc. Esses dois momentos podem acontecer concomitantes, de maneira que a oficina seja construída por todos, possibilitando o protagonismo das crianças. As crianças que frequentam esses espaços têm idades entre seis e doze anos. As oficinas são organizadas e coordenadas conjuntamente por estudantes extensionistas e profissionais do serviço. Além dessas atividades, buscamos a articulação com as equipes locais através da participação em reuniões e mantendo um diálogo aberto sobre as questões que atravessam as práticas. Utilizamos como referencial teórico a psicanálise, articulada à literatura, à análise institucional e à saúde coletiva. Opta-se, portanto, pela condição de oficinairo que se dá na interpessoalidade e emocionalidade, pelos modos de viver compartilhados, em que a explicação se produz em um segundo tempo (Maraschin, 2004), a partir dos fundamentos de uma psicanálise interessada nos processos institucionais, que se deixa afetar pelo encontro com o novo. Visando a desconstrução de um paradigma puramente pedagógico acerca das histórias e fábulas infantis, encaramos o conto como uma ferramenta de amparo ao sofrimento. Nesse contexto, a arte tem uma dimensão de magia que envolve as crianças; teatro, desenho, pintura, dança, são artifícios subjetivos para se atingir o sofrimento de um indivíduo. A arte penetra em uma camada mais profunda da própria história e do eu fragilizado, e permite que se fale dela abertamente sem nem ao menos mencioná-la. É a ferramenta que permite tonalizar, redesenhar, interpretar mil e uma vezes uma história, qualquer que ela seja, até que se sinta que ela não mais aterroriza. Até que se compreenda que o sofrimento do passado não precisa mais ser temido. Num contexto em que a escuta do discurso dos sujeitos torna-se quase insuportável dada a crueza da vida humana nesta condição social, o uso do conto infantil vem se constituindo como uma ferramenta que permite que a criança fale de seus afetos e angústias a partir de uma distância segura para ela e para o profissional que a acolhe, possibilitando, assim, que se estabeleça um diálogo. Desse modo, torna-se possível romper com o emudecimento decorrente da dor da exclusão social, abrindo caminhos em que se oferece à criança uma possibilidade de recontar sua própria história de outro modo, permitindo novas identificações e narrativas. Apostamos na possibilidade de se utilizar uma história infantil para ressignificar histórias reais, colocando em cena o protagonismo de nossos personagens-crianças, para que aos

poucos este espaço físico da oficina se torne um espaço interno, ao qual os pequenos poderão recorrer para dar outros sentidos aos capítulos sofridos de suas histórias e construir uma resiliência que lhes permita seguir em frente apesar do sofrimento (Cyrulnik, 2004). Considerando a metodologia da pesquisa-intervenção, entendemos que a proposta de extensão e pesquisa se modifica no encontro com o campo de trabalho. Sendo assim, os objetivos não estão totalmente determinados a priori, a não ser o objetivo em si de buscar uma transformação do olhar sobre o próprio projeto. Entendemos que os resultados apontados na seção anterior são pistas de que algo se constituiu como dispositivo clínico no contexto referido. Essas pistas indicam a apropriação das crianças da dinâmica das oficinas, por exemplo, quando elas mesmas definem o final e o desenrolar da história que começamos a contar e sugerem outras possibilidades de narrativa a isso que lhes é oferecido. Da mesma forma, percebemos que o envolvimento dos profissionais dos locais com a oficina tem disparado efeitos de estranhamento e problematização das formas de cuidado e educação, o que consideramos saudável enquanto produção de subjetividade no trabalho, evitando a cristalização do saber/fazer. Também consideramos importante apontar a mobilização que o projeto tem suscitado nas extensionistas, o que permite tensionar o campo da nossa formação. Diversos questionamentos têm surgido quanto à melhor forma de abordar a clínica nas situações de vulnerabilidade social e os atravessamentos ético-políticos que essa clínica implica. Assim, deixamos em aberto a questão sobre a quem se destina a extensão, já que tem agregado muito valor a nossa prática enquanto graduandas.